

APRESENTAÇÃO

Em Fanon, o termo “Negro” advém mais de um mecanismo de atribuição do que de autodesignação. Eu não sou negro, declara Fanon, nem sou um negro. Negro não é nem o meu nome nem apelido, e menos ainda a minha essência e identidade. Sou um ser humano, e isso basta.

Achille Mbembe

Como salientamos em nota de esclarecimento, em virtude do expressivo e qualificado número de artigos recebido para a chamada do número 22 da revista Boitató (julho/dezembro de 2016), dedicado a “Poéticas orais, populares, indígenas, periféricas e de gênero: relações com as perspectivas pós e decoloniais”, os editores optaram por realizar uma divisão nos textos. O **volume 22**, já disponível, teve como foco do Dossiê **as poéticas indígenas**, e o **número 23**, de 2017/1, tem como tema do Dossiê **as poéticas africanas e negras**.

Neste número, a **Revista Boitató**, enfocou as poéticas africanas e negras reunindo dez artigos; além disso, destacamos também a seção livre, uma resenha e uma entrevista narrativa. Enfatizou-se por intermédio dos artigos recebidos a Literatura Hispano-americana (Isabel Allende, Susana Cabrera e Luz Argentina Chiriboga), a Moçambicana (em dois livros de Mia Couto), a do Marrocos (representada por Tahar Bem Jelloune) e a Brasileira (na voz engajada de Conceição Evaristo), concretizando mediante essas obras e escritores um pequeno mosaico das poéticas negras.

Abrindo a seção temática temos o artigo “História curta, memória longa: representações da protagonista negra em três romances históricos hispano-americanos”, de **Lilium Ramos da Silva**, que destaca a figura da mulher negra como personagem literária no romance histórico hispano-americano nas seguintes obras: *La isla bajo el mar*, de (2009, Caribe), *Las esclavas del rincón*, de (2001, região platina) e *Jonatás y Manuela*, de Luz Argentina Chiriboga (1994, pacífico andino).

Na sequência, o artigo “Traduzindo língua-cultura: o caso de *Veneno de Deus, remédios do Diabo* em Mia Couto”, de **Ana Helena Rossi e Marília Evelin Monteiro Moreira**, discute a questão da tradução, afirmando que ela deverá ter como objetivo principal transmitir a carga cultural constante na linguagem contida no texto que será traduzido.

Em “Mulheres de Tizangara, uma questão de gênero: análise das personagens femininas em *O último voo do flamingo*, de Mia Couto”, **Evillyn Kjellin** aborda questões relativas ao gênero por meio das personagens femininas miacoutianas, as quais desempenham um importante papel na narrativa. Cada uma delas guarda sua singularidade e de alguma forma permite fazer uma analogia a figuras não fictícias, pois trazem consigo muito da história de seu país.

No artigo “*Pelo telefone* e a trajetória do samba entre a tradição e a modernidade”, **Gabriel Caio Correa Borges** analisa a obra *Pelo telefone*, de Donga e Mauro de Almeida; para tanto investiga as raízes do gênero samba, que possui como uma de suas características a resistência.

A literatura do Marrocos presentifica-se no artigo “Eu tenho uma cidade nos olhos: Escrivência e memória na poesia do marroquino Tahar Ben Jelloun”. **Israel Victor de Melo** reforça em seu texto a posição do escritor que, por meio de sua obra defende uma ideologia de tolerância, respeitando a multiplicidade cultural e, deste modo, propondo uma leitura mais cuidadosa de sua nação.

No artigo “A contação de histórias como elemento de resistência em comunidades quilombolas”, por intermédio da observação da realidade de comunidades quilombolas do Sul do Rio Grande do Sul, os autores **Leandro Haerter, Hélcio Fernandes Barbosa Júnior e Denise Marcos Bussoletti** observaram que o processo de contação de histórias nessas comunidades configura-se como uma prática cotidiana que contribui para a preservação, transmissão e ressignificação de saberes e experiências.

Dando continuidade, temos três artigos baseados em duas obras da escritora Conceição Evaristo, a saber: *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011) e *Ponciá Vicêncio* (2003). **Luciana Marquesini Mongim** foca sua análise no conto “Isaltina Campo Belo”, no artigo “Insubmissão e resistência no conto *Isaltina Campo Belo*, de Conceição Evaristo”, ressaltando em sua análise o processo de (re)constituição identitária, no qual diversas formas de dominação e violência corporificam-se. Também traz à luz a enunciação de discursos minoritários que desconstruem a ideia de homogeneidade, pois são produzidos a partir de lugares de fala subalternizados.

Maiane Pires Tigre e Inara de Oliveira Rodrigues, no artigo “Gnoseologias do Sul: poder-saber-ser em Ponciá Vicêncio”, refletem sobre os processos de fratura identitária e resistência constantes nas trajetórias das personagens, que denunciam as mazelas sociais decorrentes dos processos de colonização e de escravidão vivenciados no país.

No artigo “O brado de Oxum: possibilidades e contradições para a inscrição política da escrita de Conceição Evaristo”, **Rafaela Kelsen Dias** questiona o papel dicotômico exercido pelo intelectual/militante afrodescendente no espaço da Academia.

Telma Scherer, em seu artigo intitulado “‘Boca também toca tambor’: Poesia e performance de Ricardo Aleixo”, aborda o modo como os poemas desse autor trazem à tona a herança da tradição oral (especialmente afro-brasileira) e suas relações com referências dadaístas, também presentes.

Na **seção livre** apresentamos quatro artigos, sendo o primeiro deles “Os caminhos de rastilho: expressões da Literatura Oral na fronteira sul-riograndense” de **Geice Peres Nunes**, que busca compreender o imaginário fronteiriço como matéria relevante no que tange tanto ao patrimônio cultural, quanto ao ponto de vista acadêmico, debruçando-se sobre as cidades de Jaguarão e Rio Branco como espaços socioculturais abundantes de narrativas orais.

Já o artigo “A experiência com a Literatura de Cordel como atividade de estímulo à leitura no ambiente escolar”, de **Jean Pereira Corrêa**, versa sobre a contribuição da literatura de cordel como recurso didático no ambiente educacional, em especial nas atividades de leitura para o desenvolvimento do hábito de ler, e conseqüentemente, para a formação de leitores críticos.

Ainda, **Maria Claurênia Abreu de Andrade Silveira**, em “Adivinhação: brincar de dizer (e de saber)”, discute o uso da adivinha por um contador de histórias e por alunos, em sala de aula, considerando não só o aspecto lúdico da atividade, mas também a possibilidade de, por meio do texto da adivinha, refletir costumes do passado da comunidade a que pertencem os integrantes dessas performances.

E, para encerrar a seção, temos uma discussão sobre a autoria feminina presente na literatura marginal-periférica, com o artigo “Poesia periférica de autoria feminina como ruptura e resistência”, de **Pilar Lago-Lousa e Flávio Pereira Camargo**, que aborda a necessidade de fundar a autorrepresentação de mulheres duplamente marginalizadas, tanto pela questão geográfica quanto pela questão de gênero.

Ao final, apresentamos a resenha “Essa Matinta Perera costuma virar bicho”, de **Fernando Alves da Silva Júnior**, sobre o livro de Josebel Akel Fares, *Um Memorial das Matintas Amazônicas*.

Fechamos o número com o ensaio narrativo “Kidzundzu – A incidência ocidentalizante sobre práticas tradicionais de ensino em Moçambique”, de **Ridalvo Félix**

Araújo e Kenneth Ernesto Langa, que incorpora uma textualidade híbrida na Revista. O texto apresenta uma interação dialógica entre o então doutorando em Letras Ridalvo (da Universidade Federal de Minas Gerais) e o rapper Kenneth, ocorrida por ocasião de estudos de Doutorado Sanduíche em Maputo, capital de Moçambique. O tom de fala e o viés narrativo que perpassam as memórias do jovem moçambicano não invalidam a intenção argumentativa e reflexiva que trava um ácido debate acerca das instituições escolares do país, ainda presas às heranças coloniais por meio de práticas que ignoram as inteligências, corporeidades e conhecimentos legados pelas milenares culturas nativas. A escrita colaborativa enseja aproximar continentes e povos que enfrentam, na contemporaneidade, a urgência de resistir às novas formas de segregação e desumanização urdidas pelos agentes neocoloniais, sejam eles as “elites predadoras” locais, sejam eles os tentáculos difusos das grandes corporações internacionais em busca incessante de mercados e mercadorias.

Em consonância com as propostas combativas reivindicadas pelas poéticas representadas no conjunto de artigos recebidos, convidamos Jesus Artero, artista pesquisador da cultura e da língua iorubá, para ilustrar a capa da Revista Boitató. Esperamos que o colorido vibrante da sua sinfonia, entranhado na espiritualidade e no imaginário dos negros e negras brasileiros, faça brotar as raízes e palavras silenciadas na história nacional.

As Organizadoras